

Confluências e divergências na ética romântica de José de Alencar e Alexandre Herculano

Prof. Ms. Marco Antônio Barroso¹
(UEMG – Ubá – MG – Brasil)
marco.barroso78@gmail.com

Resumo: Ao iniciar nosso texto gostaríamos de alertar que esta comunicação não tem a pretensão de esgotar o tema em apreço. Trata-se mesmo de um ensaio, que pretende revisar, de forma breve, a influência que o romantismo em sua vertente historicista, exerceu na formatação ética da intelectualidade em Portugal e no Brasil, nos meados do século XIX. Como *tipos ideais* para esta comparação escolhemos dois escritores, e mais do que isso, dos intelectuais de ação: Alexandre Herculano, para o caso português e José de Alencar, no caso brasileiro. Em comum, podemos sublinhar que os dois, além de escritores de referência para a escola romântica de língua portuguesa, tiveram um projeto ético de nação em seus escritos e, além disso, tentaram executar seus projetos, por meio da prática política.

1. Considerações iniciais

Ao iniciar nosso texto gostaríamos de alertar que esta comunicação não tem a pretensão de esgotar o tema em apreço. Trata-se de um ensaio, que pretende revisar, de forma breve, a influência que o romantismo, em sua vertente historicista, exerceu na formatação ética da intelectualidade em Portugal e no Brasil, nos meados do século XIX. Como *tipos ideais*² para esta comparação, escolhemos dois escritores, e mais do que isso, dois intelectuais de ação: Alexandre Herculano (1810-1877), para o caso português, e José de Alencar (1828-1877), no caso brasileiro.

Esperamos que, ao longo do texto, os pontos de contato entre os pensadores aqui trabalhados sejam ressaltados, assim como as possíveis divergências existentes. Contudo, gostaríamos de destacar, desde já, que os dois, além de escritores, além de serem referências para a escola romântica de língua portuguesa, tiveram um projeto ético de nação em seus escritos e tentaram executar seus projetos, por meio do engajamento na prática política.

Devido à forma de comunicação, que exige nosso encontro, o texto ora apresentado consistirá de três breves partes, a saber: a primeira versará sobre o pensamento moral desenvolvido por Alexandre Herculano, a segunda parte, sobre José de Alencar e, por último, teremos uma breve conclusão.

2. Alexandre Herculano

Herculano cursou os seus estudos de Humanidades no Colégio de São Filipe de Nery,

1 Doutorando em Ciência da Religião/Filosofia pelo PPCIR-UFJF.

2 No sentido que Weber dá a este conceito.

dirigido pelos Padres Oratorianos. Impedido de frequentar a Universidade, em decorrência da cegueira que acometeu seu pai, o nosso autor viu-se obrigado a assistir a um curso técnico, tendo-se matriculado na Aula de Comércio, e frequentou, na Torre do Tombo, a cadeira de Diplomática. Essa formação sem dúvida influenciou diretamente nos rumos da sua vida intelectual, tendo herdado dos Oratorianos o contato com as ideias platônicas. O nosso autor tirou, igualmente, da sua passagem nas aulas de Diplomática, a constante procura e valorização dos documentos antigos³.

As primeiras poesias de Herculano revelam-nos um jovem inflamado pelas ideias tradicionalistas. “As ideias conservadoras manifestadas na ‘Voz do profeta’ e em artigos do ‘Panorama’ defendendo a ‘tradição e a autoridade’ não arredam a possibilidade de ter cantado D. Miguel”⁴. No entanto, conforme ressalta Vélez Rodríguez, “essa etapa é curta, porque logo a seguir, em 1829, Herculano fazia a crítica ‘aos tiranos’. A partir de então o nosso autor familiarizou-se com o meio social que cultivava as ideias liberais, os salões literários, notadamente o da Marquesa de Alorna, por cujo intermédio o nosso autor foi estimulado a ler as obras de Chateaubriand e Madame de Staël”⁵. Aos 21 Anos, refugiado, vai à Inglaterra e depois para a França. Dois importantes centros de documentação foram frequentados pelo jovem Herculano durante a sua permanência na França: a Biblioteca Pública de Rennes, na Bretanha, e a Biblioteca Nacional de Paris. É deste período que, provavelmente, brota a inspiração doutrinária de Herculano. Conforme destaca Vélez Rodríguez, o publicista francês mais lido nesse período era “François Guizot, cuja obra foi consultada com entusiasmo pelo nosso autor. [...]. Mas não foi apenas de Guizot que Herculano recebeu influência. Também foi moldada a sua inteligência pelo espiritualismo de Royer-Collard, sistematizado harmoniosamente no ecletismo espiritualista de Victor Cousin, que possibilitaria estabelecer uma ponte mediadora entre o empirismo lockeano e a filosofia transcendental de Kant. Além da inspiração neoplatônica recebida dos seus mestres Oratorianos, Herculano foi tributário das ideias de Hegel – muito provavelmente não de maneira direta – mas como Guizot, tendo recebido essa influência através de Victor Cousin. [...]. Junto com o hegelianismo, o nosso autor recebeu embalada a idéia de progresso, que o mestre alemão, por sua vez, tinha haurido na obra de Vico e de Savigny”⁶.

Afirma Coelho que o pensamento filosófico de Herculano destaca-se pela coerência, por

3 Cf. COELHO, António Borges. *Alexandre Herculano*. Lisboa: Presença, 1965, p.9.

4 COELHO, António Borges. *Alexandre Herculano*, p.10.

5 VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. “Alexandre Herculano (1810 (1810-1877): espírito doutrinário e romantismo literário”. Disponível em, www.ufjf.edu.br/defesa acessado em 26/07/2011.

6 VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. “Alexandre Herculano (1810 (1810-1877): espírito doutrinário e romantismo literário”.

manter-se fiel às suas coordenadas mestras. Em matéria de teoria do conhecimento, a Verdade é passível de conhecimento, e, ao modo hegeliano, é função da história desvelá-la. “A possibilidade de a alcançar, mediante regras científicas e através da razão, não oferece dúvidas”⁷. Afirmo o pensador português em sua *História de Portugal*: “Averiguar qual foi a existência das gerações que passaram, eis o mister da história. O seu fim é a verdade”⁸. Todavia, o pensador português não nega a realidade revelada, a realidade exposta pela religião, e critica aquelas filosofias que desejam negar esta possibilidade de conhecimento da verdade, tais como a de Voltaire. Ele entende que essa filosofia vã é a responsável direta pelas crises da sociedade europeia ao longo do século XIX. Tal como destaca Vélez Rodríguez, “o fundamental, do ângulo da epistemologia da verdade, é reconhecer a Providência Divina.” E, um pouco antes já havia escrito que, para Herculano, “só é válida a obra da razão que se abre à fé”⁹. Mas o pensador português é um liberal moderado e se, por um lado, a crítica à filosofia iluminista o leva a descartar os excessos deste movimento em versão francesa, por outro lado, “nosso autor é tremendamente duro para com o espírito ultramontano, encarnado na atitude jesuítica, que utiliza as instituições eclesiásticas para fortalecer uma proposta de dominação despótica”¹⁰.

Intrínseca à teoria do pensador em pauta, uma *teoria providencial da história*, está a ideia de progresso. Conforme assinala Beirante:

Herculano utiliza muitas vezes a expressão progresso moral e material; outras vezes, progresso material e intelectual e também progresso material e social. Todas estas designações contêm em si o aspecto moral do progresso, num sentido lato, tal como o entendia Herculano¹¹.

Sobre Alexandre Herculano, o filósofo, escreve Oliveira Martins: “O kantismo como filosofia, o individualismo como política, o livre-câmbio como economia, eis a três fases da doutrina que, por ser um filósofo, Herculano media em todo seu alcance”¹². E sobre a relação entre a filosofia e a religião no pensamento de nosso autor, ainda é Oliveira Martins que nos oferece uma perfeita síntese. Escreve o comentarista: “A tradição religiosa, ou antes, aquela pseudo-tradição de

7 COELHO, António Borges. *Alexandre Herculano*, p.23.

8 HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal*. Lisboa: Aillaud & Bertrand, I vol., 1914, p.19.

9 Cf. VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. “Alexandre Herculano (1810 (1810-1877): espírito doutrinário e romantismo literário”.

10 VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. “Alexandre Herculano (1810 (1810-1877): espírito doutrinário e romantismo literário”.

11 BEIRANTE, Cândido. *A ideologia de Herculano: Da teoria do progresso da civilização às reformas regeneradoras de Portugal*. Santarém: Junta Distrital, 1977, p.116.

12 MARTINS, Oliveira. “Portugal Contemporâneo”. Apud. COELHO, António Borges. *Alexandre Herculano*, p.53.

um catolicismo liberal inventada pelo romantismo, servia, pois, ao filósofo para temperar seu individualismo, conciliando-o como um resto de autoridade social consagrada nas prerrogativas do trono representativo. De um tal modo se combinava o racionalismo, e este traço é o que dá a Herculano, ou antes à sua doutrina, um caráter de individualidade original”¹³. É a orientação racionalista que Antônio Sérgio elege como “a mais consentânea com o gênio íntimo, com a mentalidade inata de Herculano.” É esta orientação que busca, na estrutura *a priori* da consciência, os princípios diretores da vida ética. Afirma Herculano: “A liberdade Humana sei o que é: *uma verdade da consciência*, como Deus”¹⁴.

É na crença em Deus, ou seja, na religiosidade, que Herculano fundamenta suas ideias morais, e não poderia ser diferente, pois como afirma José Antônio Saraiva, “ele está penetrado de motivos religiosos, como no domínio da metafísica se algo há de estrutural e de básico para Herculano, esse algo é de caráter religioso”¹⁵. Religioso e cristão, poderíamos afirmar; não uma moral cristã tradicionalista, ao estilo de Lamennais, mas ao modo dos liberais alemães, como para Schleiermacher ou Herder, fundamentalmente histórica. Segundo aponta Herculano, “a vitória do cristianismo é infalível: ele repousa em provas históricas de indubitável autoridade, porque, além da sua clareza e força, não contradizem a razão nem a consciência”¹⁶. Em outra passagem, afirma nosso autor: “todos os argumentos contra o cristianismo, deduzidos da metafísica antiga, são tão ridículos como os em seu favor, dela tirados. É por isto que, recusando toda discussão que assenta nessas bases inadmissíveis, reduziremos os nossos argumentos em favor do Evangelho às provas históricas, bem certos de que esta não tem que temer do critério da razão e da consciência”¹⁷. Nosso autor vê no Evangelho um manual simples e prático para a conduta humana. Como aponta Vélez Rodríguez, o historiador português, em seu liberalismo, “acredita no cristianismo porque ele resolve o problema do sentido do agir do homem. Não se trata, em momento algum, da crença numa religião por ela mesma, mas em função de um projeto humanístico: dar sentido à vida do indivíduo e salvá-lo da destruição a que foi conduzido pelo filosofismo e pelo teocratismo”¹⁸. Mais ainda, a religião é a condição mesma de existência da liberdade e da sociedade. Escreve Herculano: “tomaremos a defesa da religião porque sem ela não há civilização, não há bons costumes e sem

13 MARTINS, Oliveira. “Portugal Contemporâneo”. Apud. COELHO, Antônio Borges. *Alexandre Herculano*, p.54.

14 HERCULANO, Alexandre. Apud. COELHO, Antônio Borges. *Alexandre Herculano*, p.59.

15 SARAIVA, José Antônio. “Herculano e o Liberalismo em Portugal.” Apud. COELHO, Antônio Borges. *Alexandre Herculano*, p.67.

16 HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal*, 3 vol., p.201.

17 HERCULANO, Alexandre. “Do cristianismo.” Apud. COELHO, Antônio Borges. *Alexandre Herculano*, p.79.

18 VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. “Alexandre Herculano (1810 (1810-1877): espírito doutrinário e romantismo literário”.

estes não só a liberdade não é possível, mas nem sequer a sociedade”¹⁹.

A finalidade da reflexão ética desenvolvida por Herculano, em seus ensaios, é a reconstrução moral da sociedade portuguesa, abalada por lutas políticas e econômicas no período que vai de 1835 a 1844.

3. José de Alencar

O pensamento de José de Alencar (1829-1877) enquadra-se no ciclo dos pensadores da corrente romântico-eclética – que foi uma espécie de filosofia oficial ao longo do Segundo Reinado, no Brasil, conforme acentua Antônio Paim. No que concerne ao substrato intelectual de Alencar, além das influências declaradas pelo próprio autor, de Chateaubriand, Hugo, Dumas, Balzac, Stuart Mill e Alexis de Tocqueville, etc.²⁰, podemos encontrar, também, em sua escrita, a indelével marca de Benjamin Constant de Rebecque. Somos capazes de identificar, no Brasil do Segundo Império, fenômeno análogo ao ocorrido na França entre os fins do século XVIII e início do século XIX, em que o liberalismo conservador identifica-se ao romantismo. Pensamos que o conceito de *liberalismo romântico*, desenvolvido por Roque Spencer Maciel de Barros, defina perfeitamente este momento. Segundo ele, o *liberalismo romântico* é “o pano de fundo diante do qual o liberalismo terá que desempenhar seu novo papel, para uma plateia que já não é a dos tempos do ‘despotismo esclarecido’ mas que recruta os seus componentes, ou a maioria deles, entre os membros do ‘terceiro estado’ em ascensão”²¹.

Assim como afirma Maciel de Barros, o liberalismo é uma forma de vida, ou, uma *mundividência*. E, como tal, já carrega em si um determinado conjunto de pressupostos filosóficos, tais como a afirmação da individualidade da subjetividade e da liberdade individual²². Também o romantismo deve ser encarado como uma *mundividência* autônoma. Acerca deste segundo aspecto, afirma Fernandez Del Valle: “Antes que uma escola literária, o romantismo é, objetivamente, uma cultura. E, antes que uma cultura é um estilo de vida. Um estilo de vida com suas excelências e com seus perigos, que é preciso superar sem perder as suas conquistas”²³.

19 BEIRANTE, Cândido. *A ideologia de Herculano: Da teoria do progresso da civilização às reformas regeneradoras de Portugal*. Santarém: Junta Distrital, 1977, p.81.

20 ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Leuzinger e filho, 1893, p.30. e _____. *O sistema representativo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1868, p.p. 14-16 e 55-66.

21 BARROS, Roque Spencer Maciel de. “O liberalismo romântico”, p.84.

22 Cf. Roque Spencer Maciel de Barros.

23 FERNANDEZ DEL VALLE, Agustín Basave. *El romanticismo alemán*. México: Universidad Del Novo León, 1964, p. XI. “Antes que una escuela literaria, el romanticismo es, objetivamente, una cultura. Y antes que una cultura es un estilo de vida. Un estilo de vida con sus excelencias y con sus peligros que es preciso superar sin perder sus conquistas.”

Um dos temas mais abordados pelos pensadores românticos é constituído pela busca da afirmação radical da liberdade. E, a *marca “d’água”* do pensador Alencar é sua constante preocupação com a liberdade do indivíduo e das minorias frente ao poder avassalador do estado. Frisa o pensador cearense: “A pessoa individual ao contrário [da pessoa social] é independente; não pode ser absorvida. Entre milhões de outras individualidades, conserva sua autonomia e vale tanto quanto reuniões de todas elas. Nesta esfera o homem constitui um ser integral; e isola-se dos outros no círculo de sua liberdade”²⁴.

Segundo Ricardo Vélez Rodríguez, “o poeta José de Alencar no seu ensaio intitulado *O sistema representativo*, criticava o modelo de representação herdado dos Estados Unidos pelo ‘domínio exclusivo da maioria e a anulação completa da minoria.’ Essa idéia de domínio da maioria, no sentir de José de Alencar, é um ‘pensamento inócua e absurdo.’ O pensador-poeta citava, para fundamentar sua crítica, as palavras de Tocqueville no capítulo 7º da primeira *Démocratie en Amérique*: ‘A maioria tem um imenso poder de fato, e um poder de opinião quase igual; uma vez estabelecida a respeito de uma questão, não há obstáculos que possam, já não digo esbarrar, porém mesmo retardar sua marcha, e dar-lhe tempo de escutar as lamentações dos que esmaga em sua passagem’”²⁵. Vélez Rodríguez afirma ainda que “José de Alencar mostrava-se simpático ao tipo de representação praticado na Inglaterra, pelo fato de, nele, haver controles que impediam a ditadura da maioria”²⁶.

Conforme acentua Wanderley Guilherme dos Santos, *O Sistema Representativo* é uma obra pensada por inteira e “constitui uma das mais importantes peças de reflexão política produzida no século passado”. O livro propõe um argumento sobre “a origem do governo e da sociedade, pois só desta maneira Alencar considera possível justificar um especial tipo de sistema representativo – que é o proporcional”. É esta metafísica sobre a origem da sociedade e seu governo que garante o ineditismo da obra *O Sistema Representativo*, em relação à principal fonte inspiradora de Alencar, o livro *Consideratios*, de Stuart Mill. Destaca ainda o comentador, a permanente interação entre a política e a sociedade: “o que dá vida à história das sociedades é o mutuo condicionamento entre as formas jurídico-políticas e a substância da vida material-produtiva e das intenções sociais”²⁷. Acerca

24 ALENCAR, José de. *O Sistema representativo*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1868, p.26.

25 VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. *O liberalismo Francês - A tradição doutrinária e a sua influência no Brasil*. Juiz de Fora, 2002, p.167. Disponível em http://www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/o_liberalismo_frances_trad_doutrinaria.pdf, acessado em 02-07-2011.

26 VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. *O liberalismo Francês*, p.168.

27 GUILHERME DOS SANTOS, Wanderley (Org.). *Dois escritos democráticos de José de Alencar*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991, p.13-14.

do livro *O Sistema representativo*, destaca Martins Rodrigues: “Ao fazer digressão da história das formas de governo, o jurista fixou, seguindo Montesquieu, os princípios ordenadores da forma democrática: a probidade, a honestidade, a virtude como condições essenciais”²⁸.

Um argumento que poderia ser usado para negar a defesa da liberdade por Alencar seria sua posição frente ao problema da escravidão – pois o autor era acusado por seus adversários de ser escravista. Na verdade, o autor representa uma posição centrada, conservadora, na medida em que não demonstra arroubos apaixonados por novas ideias, e moderada na medida em que não as repudia de imediato²⁹. Posiciona-se também entre aqueles que defendem a ordem e a observância das leis em voga, mesmo quando contrários a elas. Sobre o tema, escreve Wanderley Guilherme dos Santos: “Na verdade, Alencar entende o problema do sistema escravista (do surgimento como do seu desaparecimento) como o resultado de peculiar teoria demográfica da população economicamente ativa (...) associada à realista noção do tipo de comércio internacional imposto pela demanda dos sistemas industriais europeus”. Mais à frente afirma que, para Alencar, “o término da escravatura entre nós, seria função das mudanças nos padrões de crescimento econômico, associado a uma redefinição de nossa posição no sistema de comércio internacional”³⁰. Acrescentamos afirmando que o poeta-político acredita que as mudanças deveriam se dar paulatinamente, pela mudança de mentalidade da população, motivada pela marcha progressiva das ideias. Sobre a escravidão, escreve Alencar: “nem nos meus discursos, nem nos meus escritos aplaudi a escravidão. Respeitando-a como lei do país manifestei-me sempre em favor de sua extinção espontânea e natural, que deveria resultar da revolução dos costumes por mim assinalada”³¹. Assim como Tocqueville³² analisa o problema da pobreza como um problema moral e relativo a fatores socioeconômicos e históricos, também o faz Alencar em relação ao problema da escravidão³³.

A partir do supra indicado podemos entender que, para Alencar, a moral progride calcada no

28 RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *José de Alencar – O poeta armado do século XIX*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p.80.

29 Sobre sua posição de conservador, escreve Alencar na introdução ao *O Sistema Representativo*; “a distância entre o político e o filósofo, entre o homem prático e o homem de ciência é imensa, não obstante se acharem reunidas em uma só individualidade essas duas faces da razão. Há reformas que o espírito prevê em um futuro remoto, ao passo que, no presente combate como altamente prejudiciais. Tudo tem seu tempo.” ALENCAR, José de. *O Sistema representativo*, p.9.

30 Cf. GUILHERME DOS SANTOS, Wanderley (Org.). *Dois escritos democráticos de José de Alencar*, p.16-18.

31 Apud. MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar, literato e político*, p.151.

32 Sobre o problema da pobreza em Tocqueville, Cf. VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. *O liberalismo Francês*, p.132-137.

33 Conforme informa Martins Rodrigues, “Em 20 de julho [de 1870] o deputado Alencar apresenta um projeto de emancipação dos escravos, por meio indireto, para mostrar como sua revolução pacífica poderia ser realizada.”. RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *José de Alencar*, p.79.

uso da razão, através da história. Algo assim como o pensamento do marquês de Condorcet (1743-94), que desenvolve uma teoria prospectiva da história, entendendo-a como um caminhar progressivo do espírito humano rumo à felicidade promovida pela razão – que aos poucos possibilitaria a eliminação de qualquer poder despótico ou tirânico. Segundo acentua Condorcet, o espírito humano é capaz de aperfeiçoamento ilimitado. “Ao aperfeiçoamento das faculdades humanas, não é fixado nenhum limite, e a perfectibilidade – doravante desvinculada de todo o poder que pretenda sustá-la não tem outro termo senão a duração do planeta sobre o qual a natureza nos colocou”³⁴. Contudo, em Alencar detectamos os traços do *período romântico* da filosofia da história, no qual podemos identificar algumas mudanças em relação ao pensamento *iluminista*. A primeira mudança é o alargamento do sentido de história, e a busca por uma visão mais crítica e neutra do passado, embora ela continue a ser uma “caminhada” teleológica. A respeito, destacamos uma pequena passagem do *Sistema representativo* em que Alencar escreve, em tom moderadamente otimista, sobre a evolução social e as leis morais: “O princípio que rege a sociedade, como toda lei moral, não se revela de um jato à razão dos povos; desenvolve-se lentamente do seio da humanidade por uma longa rotação do tempo”³⁵. Insere-se neste contexto, também, a valorização do espírito nacional, do *Volkgeist*. A busca pelo passado, principalmente nos romances, reflete a ideia de que “uma dada forma de civilização só pode existir quando o tempo está apto a recebê-la, e tem o seu valor precisamente porque são aquelas as condições de sua existência”³⁶. Ou seja, ainda que seja uma etapa de desenvolvimento, que possibilita a chegada de outra etapa, de maior importância, o passado tem aqui um valor autônomo, em si mesmo. Segundo Athur Motta, para Alencar, “a história pátria foi objeto de carinhosos estudos, a fim de escrever, os romances históricos com que pretendeu esboçar a formação da nossa individualidade de povo autônomo”³⁷. Podemos ver algumas ideias próprias do romantismo contidas na obra de Alencar, escritas pelo próprio punho do autor, ao comentar os momentos históricos que refletem sua obra. Segundo o advogado-escritor,

A literatura nacional que outra cousa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça Ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização? O período orgânico desta literatura conta já três fases.

A primitiva que se pode chamar aborígene, são as lendas e mitos

34 CONDORCET. *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. Paris: Masson et Fils, 1822, p.3-4. “La perfectibilité de l'homme est réellement indéfinie ; que les progrès de cette perfectibilité, désormais indépendants de toute puissance qui voudrait les arrêter, n'ont d'autre terme que la durée du globe où la nature nous a jetés.”

35 ALENCAR, José de. *O Sistema representativo*, p.13.

36 COLLINGWOOD, Robin George. *A idéia de história*. Lisboa: Presença, 1972, p.145.

37 MOTTA, Athur. *José de Alencar (O escritor e o político), sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: F. Briguiet e cia., 1921, p.270.

da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalaram a infância do povo, e ele escutava como o filho a quem a mãe acalenta no berço, com as canções da pátria que abandonou. Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que veneram na terra da pátria a mãe fecunda — *alma mater*, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam.

O segundo período é histórico: representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido (acento). Ao conchego desta pujante criação, a têmpera se apura, toma alas à fantasia, a linguagem se impregna de módulos mais suaves; forinam-se outros costumes, e uma existência nova. Pautada por diverso clima, vai surgindo. É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo inundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse período colonial terminou com a independência. [...].

A terceira fase, a infância da nossa literatura, começada com a independência política, ainda não terminou; espera escritor que lhe dêem os últimos traços, e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões hoje tão acesas de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço. [...].

A importação contínua de ideias e costumes estranhos que, dia por dia, nos trazem todos os povos do mundo, deve por força de comovê-lo uma sociedade nascente, naturalmente inclinada a receber o influxo de mais adiantada civilização. Os povos têm, na virilidade, um eu próprio, que resiste ao prurido da imitação; por isso na Europa, sem embargo da influência que sucessivamente exerceram algumas nações, destacado-se ali os caracteres bem acentuados de cada raça e de cada família. Não assim os povos não feitos: estes tendem como a criança ao arremedo; copiam tudo, aceitam o bom e a mão, o belo e o ridículo para formarem o amálgama indigesto, limo de que deve sair mais tarde uma individualidade robusta. Palheta onde o pintor deita laivos de cores diferentes, que juntas e mescladas entre si, dão uma nova tinta de tons mais delicados, tal é a nossa sociedade atualmente.

Notam-se aí, através do gênio brasileiro, umas vezes embebendo-se dele, outras invadindo-o, traços de várias nacionalidades adventícias: é a inglesa, a italiana, a espanhola, a americana, porém especialmente a portuguesa e a francesa, que todos flutuam, e a pouco e pouco vão diluindo-se para infundir-se n' alma da pátria aditiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira”³⁸.

À moda de Herder, Alencar coleciona em sua literatura as “baladas populares”. Atrás do espírito do homem brasileiro, em suas origens primitivas, nosso autor cria heróis que parecem artificiais aos olhos de seus críticos. Na verdade, os selvagens de Alencar são uma “pesquisa ontológica”. E isso se explica porque, para os românticos, os povos selvagens ganham um novo *status*, à medida que se buscam encontrar naquelas populações a expressão de realizações humanas genuínas. A estranheza e o preconceito com que eram vistos o passado foram, aos poucos,

38 ALENCAR, José de. Apud. MOTTA, Athur. *José de Alencar*, p.45.47.

substituídas pela simpatia – a tal ponto que alguns autores chegaram mesmo a afirmar a superioridade da vida selvagem sobre a civilizada, vista como decadente. Foi neste momento que surgiu o *mito do bom selvagem*, no qual podemos identificar a personagem principal de *O Guarani*, o índio Peri. Esses selvagens mitológicos se tornaram o exemplo a ser seguidos na conquista de liberdade e dignidade humanas. Frisa Alencar que “no *Guarani* o selvagem é um ideal que o escritor intenta poetizar, despindo-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o do ridículo que sobre ele projetaram os restos quase extintos da raça”³⁹. Além do destacado pelo próprio autor, ou seja, a figura poética do indígena, encontramos em *O Guarani* a ideia de liberdade como autonomia moral do indivíduo. Alencar concede a suas personagens o privilégio “de escolherem o seu próprio destino, rompendo ou não com as tradições de seus povos, abrindo-se a novos horizontes e a novas conquistas, na possibilidade de criação de uma nova nação, demonstrando ser a liberdade um direito inalienável do homem”⁴⁰, afirma Oliveira Marcondes.

4. Considerações finais

Defende Menezes que Alencar tenha sofrido, entre outros, a influência de Alexandre Herculano. Ressalta o biógrafo as “coincidências” entre algumas temáticas presentes nos romances *O Guarani*, de Alencar, e *Eurico o presbítero*, de Herculano⁴¹. Como já demonstramos, pela exposição das ideias de ambos os pensadores, essa influência ultrapassa, com certeza, os liames da escrita literária, atingindo também a postura moral exposta em seus escritos. Sobre a harmonia existente entre os pensamentos de nossos autores, acreditamos que a seguinte passagem de Paul Petitier explique satisfatoriamente: “Estes românticos estão impregnados da *filosofia das Luzes* e de um espírito cosmopolita que apregoa a descoberta e a utilização das diversidades culturais nacionais. Como os historiadores liberais da mesma época, o seu pensamento está organizado ao redor da idéia de nação e buscam uma literatura que exprima a nação, a sua história, o estado de sociedade no qual ela se encontra. A sua reflexão orienta-se ao teatro, gênero literário que, pelo seu modo de representação, é o que mais diretamente se inscreve nas relações sociais”⁴².

Ora, podemos afirmar, tal como Barradas de Carvalho afirma sobre Herculano, que nossos autores foram homens de escola, homens do romantismo. Que, como Walter Scott, escreveram romances históricos, que fizeram história das instituições políticas, cada um à seu modo, mas

39 ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Leuzinger e filho, 1893, p.47.

40 MARCONDES, Mauricy de Oliveira. *A polidez e as virtudes ao encontro da liberdade em “O Guarani”, de José de Alencar*. São Paulo: USP, 2006, p.88. [Dissertação de mestrado].

41 Cf. MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar, literato e político*. Rio de Janeiro: LTC, 1977, p.p.124-126.

42 In, VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. *O liberalismo francês*, p.45.

influenciados profundamente pelos Doutrinários do Castelo de Coppet e por Guizot; fizeram política como eles e lutaram contra o democratismo de inspiração rousseauiano. Foram, pois, em Portugal, Herculano, e Alencar no Brasil, a fina flor do conservadorismo liberal. Podemos afirmar que entre ambos destacam-se mais as confluências de pensamento do que as divergências – que secundariamente se apresentam nas formas de exposição de suas ideias.

Referências:

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Leuzinger e filho, 1893.

_____. *Sistema representativo*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier edictor, 1868.

_____. *Ao povo – cartas políticas de Erasmo*. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & Comp., 1866.

_____. *Ao Imperador – novas cartas políticas de Erasmo*. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & Comp., s/d.

_____. Discurso que devia proferir na sessão de 9 de Maio. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & Comp., 1873.

BEIRANTE, Cândido. *A ideologia de Herculano: Da teoria do progresso da civilização às reformas regeneradoras de Portugal*. Santarém: Junta Distrital, 1977, p.81.

CARVALHO, José Mauricio de. *Mauá e a ética Saint-Simaniana*. Londrina: UEL, 1997.

COELHO, António Borges. *Alexandre Herculano*. Lisboa: Presença, 1965.

CONDORCET. *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. Paris: Masson et Fils, 1822.

FERNANDEZ DEL VALLE, Agustín Basave. *El romanticismo alemán*. México: Universidad Del Novo León, 1964.

HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal. Volume I*. Lisboa, 1854.

_____. *Opúsculos - Vol. I*. 1 ed. Lisboa: Bertrand, 1873.

_____. *História de Portugal*. Lisboa: Aillaud & Bertrand, volumes I e III, 1914.

BRAGA, Teófilo. *História do Romantismo em Portugal*. Porto, 1880.

MARCONDES, Mauricy de Oliveira. *A polidez e as virtudes ao encontro da liberdade em “O Guarani”, de José de Alencar*. São Paulo: USP, 2006, p.88. [Dissertação de mestrado].

MOTTA, Athur. *José de Alencar (O escritor e o político), sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: F.

Briguiet e cia., 1921.

SARAIVA, António José. *Herculano e o Liberalismo em Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1977.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *José de Alencar – O poeta armado do século XIX*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

VÉLEZ Rodríguez, Ricardo. “Alexandre Herculano espírito doutrinário e romantismo literário.” Disponível em, www.defesa.ufjf.br, consultado em 16/06/2008.

_____. *O liberalismo francês – A tradição doutrinária e sua influência no Brasil*. Juiz de Fora, 2002. www.institutodehumanidades.com.br, consultado em 05/05/2010.

Convergences and divergences in the romantic ethic José de Alencar and Alexandre Herculano

Abstract: This paper is a survey that aims to review, briefly, the influence of romanticism in his aspect of historicism, ethics played in shaping the intellectual in Portugal and Brazil in the mid-nineteenth century. As ideal types for this comparison, we chose two writers, and more than that, two intellectual action: Alexandre Herculano (1810-1877), for the Portuguese case, and José de Alencar (1828-1877), in Brazil.

Keywords: morality; romanticism; historicism; Brazil, Portugal.

Data de registro: 22/05/2011

Data de aceite: 13/07/2011